

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 14 DE JANEIRO DE 1877.

NUMERO 14

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

TRES PERIODICOS LISBONENSES DO SEculo XVIII.

No *Conimbricense* do snr. *Martins de Carvalho*, averiguador indefesso da rainha do Mondego, lêem-se no n.º 3071 de 3 de Janeiro de 1877 — anno XXX — estas linhas que transcrevemos :

« O snr. *Henrique de Carvalho Protes*, infatigavel investigador da historia do journalismo, escreve-nos de Lisboa, dizendo-nos que não tinha conhecimento do periodico o ANONYMO, publicado em Lisboa em 1753, e de que no *Conimbricense* de 23 de Dezembro ultimo deu larga noticia o snr. *Antonio Martins Leorne*, não menos assiduo investigador da mesma especialidade ».

« A' cerca dos periodicos litterarios, publicados em Lisboa no seculo XVIII, diznos o snr. *Protes* o seguinte :

« Do seculo passado, se a memoria me não atraiçoa, só me recorde de conhecer os seguintes periodicos litterarios : — *Expresso da corte* — *Occulto Instruido* — *Miscellanea curiosa e proveitosa* — *Jornal encyclopedico* — *Café jocoso* (do que não sei precisamente a data) — *Paladio Portuguez* — *Mercurio historico* — *Correio mercantil e economico* — e as publicações de José Daniel ».

« Parece-nos — adduz o snr. *Martins de Carvalho* — que a estes periodicos se deve accrescentar a *Gazeta Litteraria*, escripta pelo Padre Francisco Bernardo de Lima, conego secular de S. João Evangelista, e publicada nos annos de 1761 a 1762.

« E' verdade, que os numeros do anno de 1761 foram impressos no Porto, na officina de Francisco Mendes Lima ; mas os do anno de 1762 foram impressos em Lisboa, na officina de Miguel Rodrigues ».

Por tanto, esta *Gazeta Litteraria* deve ser mencionada nas duas cidades do Porto e Lisboa ».

A esta addição do snr. *Martins de Carvalho* — addição justissima á luz bibliologica — additaremos tres mais ainda, com tres publicações periodicas lisbonenses, todas á mão n'este momento.

Referimos-nos á *Academia dos humildes e Ignorantes* ; á *Historia universal antiga e moderna de todos os imperios, reinos e cidades, que tem havido e ha presentemente no mundo* ; e ao *Folheto d'ambas Lisboas*.

Da *Academia*, acham-se no *Diccionario Bibliographico* do nosso indefesso Innocencio — no corpo da obra e no supplemento d'ella — as indicações essenciaes de catalogação. — Dá-as o finado bibliographo nos artigos *Academia*.

Do *Folheto*, acham-se tambem os lineamentos geraes de catalogação no mesmo *Diccionario Bibliographico* : — e acham-se com mais individuação, embora não completa ainda, nas *Cem Reflexões ao Auctor do Diccionario Bibliographico*, escriptas pelo nosso biblióphilo bracarense Fernando Castiço, e insertas no *Commercio do Porto* de 1870. — Dá-as este filho illustre da capital do Minho, conhecido no paiz e fóra d'elle, na *Reflexão XXVI*. — As indicações do nosso Innocencio, acham-se no artigo consagrado a *Jeronymo Tavares Mascarenhus de Tavora*.

Da *Historia Universal*, não dá noticia catalogaphica o finado bibliographo lisbonense — no seu *Diccionario Bibliographico* — se a memoria nos não falha a este respeito.

O que é certo no entanto, é que d'esta publicação periodica lisbonense, vulgarisada

em 4.º no seculo XVIII, vieram ao menos a lume os numeros que temos.—Nunca achamos outros, na immensidade de folhetos que temos visto.

Imprimiram-se os cinco numeros que temos, na officina d'Ignacio Nogueira Xisto: —o 1.º, com rosto especial; e os outros, sem elle, e com a numeração a seguir.—Prefazem ao todo 43 pp. numeradas, alem da folha do rosto, e da folha do prefacio com duas laudas.

No fim do 1.º n.º, inserem-se as Licenças da impressão, occupando as pp. 10 e 11, depois d'uma Advertencia.—No rosto respectivo dá-se a J. J. L. como auctor da obra.

No fim de cada um dos n.ºs —com excepção do 1.º— dão-se expressos o local e a data da impressão: —e consta cada um d'elles de 8 pp., sem contexto narrativo na ultima.

Tem esta publicação por extenso o titulo seguinte:

Historia | universal | antiga, e moderna, | geografica, corografica, topografica, politica, lite | raria, critica, chronologica, e ecclesiastica | de todos os | imperios, reinos, e cidades, | que tem avido e a' presentemente no mundo, | que contém | a descripçam dos paizes, e das cousas mais notaveis d'elles: os costumes, | religião, e governo dos seus povos: uma historia abbreviada do principio, | progresso e decadencia de cada um dos imperios: uma breve chronologia dos seus reis, e homens illustres: uma descripçam das suas | principaes cidades: com uma sufficiente noticia de como, | e quando foi n'aquelles, que abraçaram o Evãgelho, | estabelecido o catholicismo, e a sua perseverança | çã, adiantamento ou decadencia».....

Com estas indicações bibliologicas, embora succintas em si, chamâmos as attensões do sr. Protes em especial para estas publicações, concorrendo assim com o nosso óbolo para a historia do nosso jornalismo: —empresa laboriosa e espinhosa, mas de realçado renome para os seus dois paladinos do Porto e Lisboa.

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

A VOZ DO TRABALHO

A's festas da intelligencia
Despertam enfim os povos;
rasgam-se horisontes novos;
floreja ao longe o porvir.
E, no meio d'esses hymnos,
ao clarão da liberdade,
no casal e na cidade
uma voz se faz ouvir;

voz augusta, que se eleva
por entre benções e cantos;
voz que enxuga muitos prantos
que ampara muito infeliz.
E' a voz solemne e grave
que, do palacio e do albergue,
aos ceos o trabalho ergue.
Escutae o que elle diz:

—Hontem era sósinho e triste, e despresado;
era o informe reptil que o viandante esmaga:
em vez de paz e amor, em vez do bem que affaga,
eu tinha solidão, miseria e dor, ao lado.

Que me importou a mim o sol do meu oriente,
abraçando o palmar, e iriando a cachoeira,
se o pranto me fugiu nas agoas da corrente.
se o pária suspirava á sombra da palmeira!

Trabalha—disse a fome,—e o escravo trabalhava;
e a consciencia, só, mostrava-lhe o futuro,
que havia de rasgar esse horisonte escuro,
lançado por Satan na intelligencia escrava!

Mas, na vigilia acerba, em que eu sonhava afflicto
a hora do resgate, alcei de Harmodio o braço,
e ergui da liberdade o alti-sonante grito
que voa e que transcorre os tempos e o espaço!

Meu grito despertou o generoso Graccho,
e foi repercutir-se em plainos de Pharsalia;
reboou pelos céus da harmoniosa Italia,
e armado o repetiu o intrepido Espartaco.

Embalde!—a servidão, feroz, ligando ia
o misero colono á gleba e ao castello;
embora protestasse a heroica Jacqueria,
embora erguesse a frente o audaz Masaniello!

E, enquanto eu revelava a força mysteriosa
que ergueu do Vaticano a cupula gigante,
e unia á historia da arte a pagina brilhante,
das telas divinaes de Angelo e Cimarsa:

emquanto o braço meu ás nuvens levantava
a basilica santa e as pedras da muralha;
e enquanto o mundo inteiro, absorto, contemplava
o Louvre e o Escorial, Westminster e Batalha;

meu nome, que doirara o pantheon da historia,
meu nome que ante Deus e os homenstanto exprime
meu nome,—era ignorado! e o anonymo sublime
era faminto e nu ao pé da sua gloria!

Miseria e servidão!—fundissimo problema, na caixa de Pandora, aos olhos encuberto! quem linar poderia a secular algema, e quem responderia á esphinge do deserto?

Pensei, luctei, venci!—a fôrça, a prepotencia, que aviltára o trabalho, e que esmagára o artista, teve de ceder campo á esplendida conquista feita pelo direito em pró da intelligencia!

Hoje, estendo o meu braço, e ligo os continentes; dilato o meu dominio—a industria, o mundo novo; repillo o crime e o ocio, abraço os innocentes; e digo ao fraco:—hei-de salvar o povo!

—A'manha, os laureis, colhidos na batalha. hão-de esmaiar, cabir, aos pés da insonte preza; ámanha, serei eu a unica realeza: e, se nobres houver. sel-o-ha o que trabalha!—

CANDIDO DE FIGUEIREDO

—•••••
DOLORES
—•••••

XII

(Continuação)

Entrei sem fazer rumor e quasi que cheguei ao pé d'ella sem ser presentido. Quando Dolores me viu, soltou um gritinho de surpresa e fez-se córada.

—Pensei que ainda estivesse a dormir.

E pegando no ramilhete que estava fazendo, dirigiu-se para mim e deu-m'o.

—E' para si.

Acceitei o ramilhete e respirei-lhe o aroma. Pareceu-me receber um osculo oloroso de flores.

—Então que andava fazendo lá por fóra tão cedo? perguntou ella.

—Fui procurar o snr. D. Garcia para me despedir d'elle.

Passou uma nuvem pelos olhos de Dolores.

—Para se despedir?

—Vou-me embora, repeti eu com voz quasi sumida.

Dolores conservou-se um momento silenciosa. Em seguida levantou a cabeça com resolução, e disse:

—Mas não quero que se vá embora.

Eu calei-me.

Não quero! Quem governa sou eu. E as nossas *cavatinas* por aprender?

Depois, como que arrependendo-se de ter avançado tanto:

—Mas... se outros interesses o chamam a Portugal...

—Sou empregado publico, minha senhora, não posso...

Poz um dedo sobre os labios.

—Não diga isso. Eu bem sei que ainda tem um mez de liberdade.

XIII

Fiquei! Volveram em breve os momentos de franca alegria. Esqueci-me de tudo no mundo, menos de Dolores. Almocei com ella sosinho, rindo ambos, conversando animadamente, ou callando-nos, quando os nossos olhos se encontravam... Tocamos piano, ella cantou, lemos romances em francez e italiano. N'isto nos occupamos toda a manhã até á hora do jantar.

Dolores recebera excellente educação. Fallava correctamente francez, e traduzia com facilidade o inglez e o italiano. Era sobretudo louca por esta ultima lingua. Possuia as obras de Tasso, Dante, Metastasio, e outros auctores antigos e modernos. Porém, coisa notavel n'uma menina, mas que se explica facilmente pelas ideias do pae, não tinha plena fé nas coisas da nossa religião!

Escolhi de proposito Pellico para a leitura d'algumas horas. Aquelle livro todo rescendente de amor de Deus e virtudes christãs, devia impressionar fortemente o coração de Dolores, sensivel e apto para todos os grandes sentimentos. Eu lia, e olhava para ella por vezes. Ella escutava-me com o olhar perdido no espaço e as mãos cruzadas sobre os joelhos. De vez em quando as lagrimas marejavam-lhe os olhos grandes e intelligentes, e se acontecia eu surprehendel-a n'essa occasião, sorria-me por entre as lagrimas.

No fim da leitura disse-me:

—Oh! se eu pudesse crer em Deus de todo o coração; sinto que o havia d'amar muito!

D. Garcia só appareceu ás 4 horas da tarde. Quando entrou, estavamos sentados um defronte do outro, escolhendo musicas, n'um grande masso d'ellas que pousáramos entre nós n'uma cadeira. Dolores saltou-lhe ao pescoço abraçando-o. Eu levantei-me e cumprimentei.

—Queria-se ir embora, disse Dolores com ar de reprehensão, mas eu não deixei. Não fiz bem?

—De certo, respondeu D. Garcia, apertando-me as mãos. Temos muito ainda que vêr por ahi, e elle nada tem que fazer em Portugal.

XIV

Permaneci aquelle dia e muitos outros ainda. Demos longos passeios á beira do Oceano; subimos mais d'uma vez ás serras. D. Garcia acompanhava-nos com a sua espingarda, e não era raro ficarmos sentados sobre um rochedo em quanto elle, entusiasmado na perseguição de uma perdiz ou d'uma lebre, se embrenhava nos espessos matagaes. Eu dava como pretexto invariavel para o não seguir, a minha pouca habilidade para a arte venatoria. Dolores applaudia-me.

—E' uma barbaridade matar os pobres animaesinhos!

Passavamos muito tempo silenciosos. Os nossos olhos seguiam as nuvens que atravessavam o ceu ou a vella triangular do barco que navegava nas placidas aguas do rio Minho, e se se encontravam por acaso, eu achava os de Dolores mais bellos que as bellas dos ceus e da terra!

E pensava:

Eu amo-te! Mas heide matar este amor em mim, brutalmente, sem dó! Ir-se-me-ha com elle a vida. Que importa? Eu accariciei-o na minha alma, porém é um crime sobre a terra. Sel-o-ha tambem lá em cima? Oh! não o posso acreditar! A morte separa d'um golpe a alma do corpo e corta todos os laços que prendiam esse corpo á terra. Voemos pois ao paiz dos amores puros!...

E esta pobre creança?

Olhava para ella cheio de ternura e dó. O sacrificio desejava-o eu para mim, mas com que direito lh'o estava eu quasi impondo a ella, a innocente, a descuidosa, que marchava d'olhos fechados para um abysmo de tanta dôr?

Formei muitas vezes tenção de lhe dizer tudo. Sentia necessidade d'isso, porém que grande coragem era necessaria para ir lançar a dôr n'aquelle coração que me sorria nos olhos d'ella.

XV

N'uma d'essas horas de meditação Dolores disse-me:

—Ha alguns dias que o vejo muito triste. Tenho muitas vezes pensado que o estamos constringendo. Se assim é, porque o não diz com franqueza? Deseja ir-se embora?

A confissão de todos os meus soffrimentos, veio-me aos labios com impeto. Pude

conter-me ainda, mas respondi com ardor:

—Oh! não desejo, não!

Dolores estendeu-me uma de suas mãos.

—Então hade ser alegre, se isso é verdade, sim?

E aquella mãosinha tepida e avelludada deixou-se ficar entre as minhas por muito tempo...

XVI

Tornado á solidão do meu quarto as minhas noites eram medonhas. Chamava-me cem vezes cobarde e infame. Horrorisava-me de mim mesmo. Tomava resoluções inabalaveis, e tudo isto desapparecia na manhã seguinte, ao ver Dolores.

Oh! o coração do homem é um mysterio insondavel. Ninguem me leia que se julgue isempto de semelhantes culpas. Ninguem me condemne sem possuir a certeza de ter o coração completamente morto para o amor. A desculpa de minha grande falta, se ella podia ter desculpa, estava na origem da mesma falta.

Demorei-me quinze dias em caza de D. Garcia. Quinze segundos de felicidade infavel, quinze seculos de tormentos indescriptiveis.

Seria longo contar todos os factos que me iam prendendo mais e mais a Dolores. O que nos primeiros dias era sympathia e admiração pelos encantos d'ella, tornou-se por fim paixão violenta, e muito mais violenta por ser sem esperanças.

E ella... amar-me-hia por igual?

XVII

Uma noite tinha D. Garcia sahido não sei para onde. Nós estavamos sós, ao piano. Dolores não cantava. Deixava deslizar os dedos sobre as teclas e sahiam ao acaso melodias divinas. As aves, nas suas gaiolas douradas, estremeciam accordadas pela luz da salla, saccudiam as azas e como que ensaiavam a meia voz, canticos de amor. Eu cahira em longa meditação encostado ao braço da cadeira. Estavamos muito praximos um do outro. O piano calou-se. Dolores olhou para mim e viu-me lagrimas nos olhos. Pegou-me na mão e disse-me com expressão ternissima:

—Chora! Não é feliz ao pé de mim. Escusa de negal-o!

Não respondi. As nossas cabeças inclinaram-se uma para a outra. Dolores encostou-se-me ao hombro. Eu delirava. Sem saber o que fazia, fôra de mim, balbuciei: —amo-te.

Inclinaram-se mais e mais as nossas cabeças e aquelles labios perfumados como uma rosa que se abre aos primeiros beijos do rocio matinal, collaram-se aos meus.

N'aquelle momento sentiu-se rumor de passos na salla de fóra. Levantamo-nos anciosos, precipitadamente. Era Pepe. Entrou, e dirigindo-se a mim entregou-me uma carta, dizendo:

—E' de Portugal.

Abri-a com mão tremula e não pude ler o que ella continha. Mas, era de minha mulher. Eu baluciei inconscientemente:

—E' necessario partir!

D. Garcia entrou pouco depois. A conversa foi triste aquella noite. Dolores chorava mesmo quando as lagrimas se lhe não viam nos lindos olhos. A carta recebida de Portugal, o momento em que ella viera, tudo me parecia providencialmente ordenado para me arrancar d'aquella situação perigosa e impossivel. D'esta vez a minha resolução estava tomada, e inabalavelmente tomada, e assim o disse a D. Garcia e Dolores.

D. Garcia respondeu:

—Vá, e volte. Bem sabe que a sua presença se tornou *precisa* n'esta casa.

Aquellas palavras assustaram-me. D. Garcia perceberia o nosso amor? Estaria inclinado a favorecel-o, julgando possivel a nossa união? Pobre velho! Pobre Dolores! Eu tinha horror de mim mesmo.

Dolores olhava para mim, como que perguntando:

—Voltará?

Não. Não voltarei. O adeus d'amanhã será o nosso ultimo adeus. Não mais nos veremos n'este mundo, não mais! Appelemos para a morte, o supremo refugio dos que soffrem na vida sem esperanças.

Mas guarda-me, ó virgem, o teu amor puro, como elle é agora. Eu tambem t'o guardarei n'alma como uma religião! A tua imagem linda terá sempre o culto de todo o meu amor.

(Continúa)

Praia da Granja.

ALMEIDA PINHEIRO.

SONETO

—Arcadico.—

Pela amplidão dos céos, sua luz sombria,
Plena, a Trivia Dea, derramava;
Quando um sonho terrivel me occupava,
Que um pavoroso inferno em mim abria.

A minha terna, idolatrada Armia,
Nos braços d'um rival eu ver julgava;
Rival que seus affagos disfructava
Por entre beijos mil, que audaz sorvia.

Atterrado com scena tão funesta,
Acórdo afflicto em dura anciedade,
Que a furia do ciúme mais empesta

Ah! se um sonho produz tal feridade,
Para morrer de dôr sómente resta
Seguir-se á illusão fatal verdade.

Braga.

CORREIA JUNIOR.

DESFECHO ESCOLAR

Em Pariz, havia n'outr'ora um estudante faceto, que passava os dias na *pandiga*, em lugar de consumir as horas no estudo.

O seu gostinho especial, era andar de noite vestido de *dominó*.

N'uma occasião, entra-lhe o pae pela porta dentro a altas horas nocturnas: e acha-o a dormir socegradamente com o *dominó* predilecto. Acorda-o, e começa a censural-o da vida que leva, e de que sabia tudo por tudo.

O filho escuta-o submisso, e abre um ENVANGELHO, em que lhe marca ao dedo uma passagem para lér.

Era esta:—*Beati sunt qui moriuntur in DOMINO*.

Não lh'a traduz no entanto, dizendo-lhe que ella significa — *Bemaventurados os que morrem com o Senhor*. — Traduz-lha d'este modo que lhe convinha. — *Bemaventurados os que morrem com DOMINÓ*.

O pae sorriu-se, e levou o filho consigo para casa, não sem achar chiste ao seu prompto expediente.

Ilha da Madeira.

E. D'ALMEIDA.

A NOIVA D'ABYDOS

Poema de Lord Byron

Versão de Alfredo Campos

Canto primeiro

XIV

—«Zuleika volve á torre. Eu apresento-me
«A Giaffir que preciso d'audiencia

«Para d'ordens tratar, tratar d'impostos,
 «De casos de governo e levas d'homens.
 «Das margens do Danubio são chegadas
 «Mús novas; o vizir vê brevemente
 «Peridas as fileiras por victorias
 «De que pode o infiel a paga dar-lhe;
 «Tem o sultão os meios expeditos
 «De compensar triumphos tão custosos.
 «Mas escuta, porém; serei contigo
 «Logo que os rufos do tambor da noite
 «A' refeição e ao somno as tropas chamem.
 «Sahiremos do harem furtivamente,
 «E espairose iremos pela praia;
 «Os muros do jardim são elevados,
 «Ninguem os transporá para dar conta
 «De quanto lá dissermos; mas se accaso
 «Tentar um importuno perturbar-nos,
 «Aqui tenho um punhal que alguns sentiram,
 «E que outros podem conhecer ainda.
 «Hasde saber então quanto desejas,
 «Mais, de certo, do que has imaginado,
 «Contia em mim Zuleika e não me temas;
 «Tenho uma chave que o harem nos abre...
 «—«Temer-te, Selim querido! nunca! nunca...
 «—«Não percas um momento; a chave guardo-a...
 «Já os satélites d'Haroun não tido
 «Alguma recompensa e mais esperam.
 «Esta noite, Zuleika, heide contar-te
 «Os meus projectos todos, os receios,
 «E narrar-te também a minha historia;
 «Verás então, Zuleika da minh'alma,
 «Quão differente sou do que pareço!

FIM DO 1.º CANTO.

A'S HORAS MORTAS DA NOITE

(ROMANCE)

(Offerecido a Joaquim Januario da Silva)

INTRODUÇÃO

Pausada e solemne bateu meia noite no campanario da aldeia.

Cosido ás sombras d'uma devesa pouco cerrada, um vulto se escoou ao longe pela asinhaga que conduz ao cemiterio. Chegado ás grades d'aquella mansão do repouso e da egualdade, entrou afoitamente.

A morna claridade do plenilunio coavase entre a ramaria verde-negra, e recortava no chão a imagem do cyprestes.

As virações eram geladas como o ai do moribundo.

O vulto encaminhou-se para uma campa, onde se erguia uma cruz singelissima, e ajoelhou reverente.

Seria louco, ou sonambulo?

Leitora! longe o medo aos fantasmas e ao papão. Aquelles vultos macilentos e en-

trajados de branco, as fadas travêssas que cohabitam nos ermos, e transformadas n'uma fogada ambulante se conjuntam nos barrocaes, em areopago sinistro; as castellans fatidicas que percorrem, á meia noite, os pardieiros da encosta; jaz tudo sepultado sob a pedra da lareira, onde as velhas chronistas nos disfarçaram o seroar d'um momento.

Não vê?! A noite está linda de toda a lindesa da primavera. Ouve aquelle modillo desmedido, mas tão doce, mas tão suave? E' o rouxinol que saúda a vinda do astro dos amores. Encherga aquelle vulto que negreja immovel por sobre o castanhal da encosta? E' o corucheu da torre do presbyterio. Ouve este rumorejar a instantes, saudoso como a balatta indiana? São as auras que suspiram por entre sazoados plantios. E este soido pertinaz que se baloça na orchestra das virações? E' a cachoeira do monte que palra o hymno da noite.

Oh! que magia, que segredo, que delicias, que doce electrismo tem a noite, para as almas privilegiadas?

Leitora! longe o medo.

Esperemos e interroguemos o vulto mysterioso que está agora ciciando um monologo inintelligivel. Conversemos no entretanto.

V. exc.^a está criminando-me, e cravando os acicates da censura na minha curiosidade.

Não tem razão, minha senhora. Nós, os do sexo feio, pouco herdamos da mãe Eva.

Se nos tocou em partilha um quinhãozinho de curiosidade, é coisa tão soberanamente insignificante, que virada e revirada mil vezes, apresenta sempre a mesma face, —o nihilismo, se v. exc.^a me permite a expressão.

Nós herdamos sómente a mortalidade, e, apesar da philosophia, este instincto de maldadesinha que o sexo bello não conhece, porque é todo coração de pomba. Já vê v. exc.^a, que não tem motivos para me condemnar como curioso extravagante, por tentar subtrair-a á companhia da mãã ou ás repetidas juras do namorando, para me acompanhar, á meia noite, a um sitio tam pouco agradável, como é o cemiterio.

Ao cemiterio!

Mas que tem? V. exc.^a parece que está a tremer? Jesus! quanto podem os preconceitos bebidos na infancia!

Ora escute-me: não gosta de ver aquelle ceo tam recamado de estrellas, e a lua passeiando por sobre uma almofada de neblinas, magestática e grave como uma sultana? Nada lhe desperta na alma a toalha de luz que se desenrola na planície, onde treme o arvoredo agitado?

Não a encanta essa viração dulcinosa e meiga, que espalha no ambiente os suaves frescores bebidos no proximo ribeiro?

Não vê aquella fita argentina que se torce a espaços; não ouve aquelle murmurinho, doce como o acalantar de mãe?

Não acha bellesa n'aquelle alvejar descorado da casinha da herdade, que lucha contra o cerrado do arvoredo?

E este canto suspiroso que veio tremendo nas azas do zefiro, não lhe diz dada?

V. exc.^a não responde? Ainda treme?

E v. ex.^a diz que tem amores...

Pois bem. Eu acompanho-a até casa, e volto.

Esperarei o supposto fantasma, e interrogoo, e serei fidelissimo na exposição do que elle me responder.

V. exc.^a concorda n'isto? Ah! esse sorrisinho de satisfação falla muito alto, para que eu o não comprehenda.

Até logo, minha senhora.

(Continua)

1872.

DIAS FREITAS.

MORRESTE!

Morreste! e eu fiquei só, abandonado!
Sem o phanal brilhante dos teus olhos

Eu não quero existir!

O futuro é fatal, senda d'abrochos!

Ja sinto, o quanto vou ser desgraçado!

E' noite o meu porvir!

Tu eras clara luz que illuminava
A funda escuridão da minha vida,

Eras quasi o meu Deus!

Mas fugiste-me, pomba estremecida,

E deixaste-me só, quando eu te amava...

Fugiste para os teus!

E não posso escutar a voz sonora

Que desprendias dos teus labios bellos,

Voz que me enebriava!

E não aspiro o odor dos teus cobellos!

—Ah! desgraçado!—que me resta agora

De tanto que eu gozava?

A lembrança pungente do passado,
Meiga saudade, meiga dôr infinda

Em que me vejo immerso!

Eu queria morrer, contigo, linda!

Viver no teu sepulchro, anjo adorado:

O sepulchro é um berço!

Porto

ARIOSTO MACHADO

MAXIMAS

A educação é um seguro para a vida,
e um passaporte para a eternidade.

A paciencia adoça-nos as penas; expia-nos as faltas; e aquista-nos a virtude.

Dieto de Sterne

Perguntou uma vez uma senhora a Sterne, qual era a *rasão* dos homens se ligarem presentemente com senhoras sem meritos; preferindo ás qualidades estima-veis os atavios exteriores e fugazes.

A explicação—disse Sterne de prompto— não é difficil de conceber.

Quando homens d'esses amam uma senhora até *perderem a razão*; não lhes fica por isso *razão alguma* para deixarem de a amar.

Dieto de Montesquieu

Fallando-se da importancia da religião, na presença de Montesquieu, exclamou com os olhos no ceo este sabio francez:

«Cousa singular!— Apesar de se dizer que a religião não visa senão á vida futura; é ella em toda a parte, a que faz tambem a nossa felicidade na vida presente!»

ADEUS!

Partes para longes terras,

Levas os olhos sem agoa...

E eu, victima da magoa,

Fico desolado aqui!

Parte em breve, parte! Deixa-me

N'esta noite sem aurora...

Levas-me a vida... E agora

Vivo só, pensando em ti!

Mas vae, mas parte. E' fadario.

Vae, prosegue o teu caminho,

Pomba que refoge ao ninho

Onde tão feliz viveu,

Vae, e se vires á noute
Da lua um raio dourado,
E' o meu olhar magoado,
Que quer encontrar o teu.

E' força partir?! Pois parte.
—Está a chegar o instante,
En que eu, de ti tão distante,
Só e triste vou ficar.
Quanta vez qui passava
Para ver-te, e adorar-te!
E agora! ai! agora... Parte,
Que a mim só resta chorar!...

Mas lá, donzella, se leres
Meus versos d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos... então
Confio que te commovas,
Que o meu pranto te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem d'amor...—de compaixão.—

Coimbra.

A. M. DE SOUZA ALBUQUERQUE

O MELHOR CASAMENTO

Discutindo-se na côrte do rei Affonso d'Aragão, quaes eram os conjuges mais felizes; trouxeram-se a publico tantas sentenças, quantos eram os pleiteantes do convívio d'então.

Estava presente o rei no sarau: e como espirituoso que era, decidiu a contestação d'um modo galhardo.

«Olhae —disse elle— o conjugio mais feliz é o d'um *surdo* com uma *cega*.

O surdo, não escuta as impertinencias da mulher: não pode ouvir-lhas.

A cega, não póde ver os desatinos do marido: é-lhe impossivel descobrir-lhos».

A não serem estes os consortes ditosos, nenhuns dos casados são felizes.

EXCERPTOS D'UM POEMA

—Versão—

(Continuado do n.º 13)

III

No tempo em que os prados se toucam de flores,
e o Inverno se occulta nos cerros alpinos,
eu ia 'noutroa contar meus amores
ao ceo dos campinos,

apenas a facha de luz alvadia,
que vem dos pomares o escuro varrer,
coravam os tenues albores do dia,
que vinha a romper.

De flóridos valles 'nescuso recesso
que de horas passava sonhando a ventura,
e ouvindo meu peito bater, desoppresso
de funda amargura!

As auras trasiam-me os cantos suaves
que ao longe a pastora nos tezos ergueu...
E brisas e flores e cantos e aves
abriam-me um ceo.

(Continúa)

Braga.

DIAS FREITAS

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Recebemos as publicações que seguem:

—*O Anjo da Guarda*, por Henrique Perez Escrich — *Versão de Cruzeiro Seixas*. (Fasciculo n.º 8.) Porto, Bibliotheca do Cura de Aldeia.

—*O Instituto* (n.º 6 da segunda serie.) Coimbra. Imprensa da Universidade

—*Pastoral* do snr. Bispo d'Angra do Heroismo, D. João Maria Pereira de Amaral Pimentel, de 27 de setembro de 1876.

EXPEDIENTE

No *Conimbricense*, n.º 3071 de 3 de janeiro, reproduziu o snr. Martins de Carvalho o artigo *Occulto Instruido*, que o nosso distinctissimo collaborador, o dr. Pereira-Caldas publicára na *Borboleta*, n.º 4 de 5 de novembro de 1876, vol. II.

Agradecemos a fineza da publicação ao illustrado jornalista conimbricense.

No escriptorio d'este semanario compram-se os n.ºs 2, 3, 5 e 9 do 1.º volume da *Borboleta*.